

RESUMO D

RESUMO DE TESE

A OUTRA FACE DO CRÂNIO: ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA NO BRASIL HOJE

Verlan Valle Gaspar Neto

Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Niterói, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2012.

A Outra Face do Crânio: Antropologia Biológica no Brasil Hoje, ao conjugar informações históricas e atuais, provenientes de diferentes fontes (bibliográficas, documentais e etnográficas), expõe à comunidade antropológica nacional e internacional um amplo mapeamento da situação hodierna da Bioantropologia no Brasil. Dividida em cinco capítulos, além da introdução e da conclusão, a tese se inclui em uma escassa bibliografia acerca dos estudos bioantropológicos, no país, nos últimos 50, 60 anos.

No primeiro capítulo são contemplados três tópicos. Em um primeiro momento a Antropologia Biológica é apresentada e localizada dentro de uma área científica maior – Antropologia. Por conseguinte, tem-se um breve relato histórico do desenvolvimento da disciplina no plano internacional e no Brasil. Se para o plano internacional o destaque recai na passagem, em meados do século passado, de uma “Velha Antropologia Física” para uma “Nova Antropologia Física” ou “Antropologia Biológica”, sob influência do neodarwinismo, para o caso brasileiro discute-se, entre outras coisas, que essa transformação não se

deu de imediato, ao menos nos estudos morfológicos, o que acabou por se refletir na sua configuração institucional atual. O capítulo termina versando sobre algumas das frentes da Bioantropologia (como a Primatologia e a Antropologia Forense, entre outras) de modo a assinalar a existência de estudos respectivos a elas no país.

O segundo capítulo trata dos aspectos mais gerais dos contornos institucionais da Antropologia Biológica brasileira contemporânea, e está baseado em dados recolhidos em 20 currículos profissionais publicamente disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq. Seu objetivo é o de identificar quem são os profissionais que se apresentam como atuantes em Antropologia Biológica no Brasil hoje, qual a sua formação, em que nichos institucionais eles atuam e por quais pesquisas são responsáveis ou colaboradores etc. Tal levantamento aponta para, entre outras coisas, uma exígua quantidade de profissionais atuantes em Bioantropologia no país, ao mesmo tempo em que revela que, a exemplo do que ocorria nos primórdios da disciplina, sua formação e atuação continuam se dando, em sua quase totalidade, fora dos departamentos e dos atuais programas de pós-graduação em Antropologia, situação diferente daquela observada em alguns outros países, inclusive latinoamericanos.

No terceiro capítulo são apresentados quatro pesquisadores escolhidos como “informantes”, atuantes em quatro especialidades da Bioantropologia: Genética de Populações Humanas, Bioarqueologia, Antropologia Biomédica e Paleoantropologia. Ao mesmo tempo,

é oferecida uma revisão de parte de sua produção científica, de modo a oferecer ao leitor pouco familiarizado com a contraparte biológica da Antropologia uma introdução a uma fração das linhas investigativas desenvolvidas mais recentemente no país nessas quatro frentes.

O quarto capítulo retoma alguns dos elementos tratados no capítulo predecessor, mas seu enfoque está nas perspectivas que os quatro profissionais apresentam sobre a situação institucional da área à qual estão vinculados. Essas impressões, colhidas por intermédio de testemunhos concedidos ao autor, tocam em assuntos como o modo pelo qual a Antropologia Biológica encontra-se institucionalmente estruturada no país; as possibilidades de interlocução com outras áreas, dentro ou fora da Antropologia; o reconhecimento e a visibilidade interna e externa da Bioantropologia brasileira, bem como a qualidade da sua produção; as dificuldades e facilidades de se obter financiamento para a realização de pesquisas, entre outros tópicos.

O último capítulo versa sobre as expectativas dos quatro profissionais com relação ao futuro da Antropologia Biológica no Brasil, acoplando-as a uma contextualização da criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGA/UFGA, iniciativa considerada importante, já que, pela primeira vez, o Brasil passaria a contar com antropólogos biológicos formados e treinados dentro de um curso de Antropologia. O interessante com isto tudo, e este é outro dos aspectos abordados por este capítulo, é que a implantação de um modelo institucional de inspiração

boasiana de Antropologia em solo brasileiro se dá em meio a um acirramento dos debates críticos em torno desse mesmo modelo, inclusive com implicações para o status científico da Antropologia geral, nos Estados Unidos, onde ele se encontra institucionalizado. O capítulo se encerra com a apresentação de algumas proposições sobre as possibilidades de uma interlocução entre as dimensões sociocultural e biológica da Antropologia.

A conclusão retoma alguns dos argumentos discutidos ao longo da tese sem, contudo, encerrar-se em uma mera recapitulação. Esta retomada serve como fonte para a reafirmação de que, mesmo situada fora dos departamentos e programas de pós-graduação em Antropologia, e dotada de um contingente reduzido de profissionais, a Bioantropologia se faz viva e ativa dentro do país. Uma persistência devida ao empenho dos profissionais que a ela se dedicam, os quais possuem uma produção pautada, em ampla medida, por interlocuções no plano internacional. Nesse sentido, se por um lado a Bioantropologia brasileira possui pouca visibilidade no seio da comunidade antropológica nacional, por outro ela goza de uma razoável visibilidade internacional.